

Hermenêutica do Sofrimento: entre a subjetividade e o Salmo 22

Hermeneutics of Suffering: between Subjectivity and Psalm 22

Rene Armand Dentz Júnior
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Brasil

Resumo

Este artigo propõe um diálogo interdisciplinar entre teologia e psicanálise, com foco na hermenêutica do sofrimento e da subjetividade. A partir das contribuições de Paul Ricoeur, Jacques Lacan, Jürgen Moltmann, Carlos Domínguez Morano e Xavier Melloni, analisamos como o sofrimento pode ser ressignificado por meio da linguagem simbólica, da escuta clínica e da narrativa escatológica. O Salmo 22 é tomado como paradigma teopoético dessa travessia, evidenciando como a lamentação pode se transformar em esperança. O artigo enfatiza as implicações práticas desse diálogo para a saúde mental, a espiritualidade e o cuidado pastoral, propondo uma abordagem integrativa capaz de acolher a dor e reintegrá-la em horizontes de sentido. A metodologia é hermenêutica, com análise teórico-textual de base interdisciplinar.

Abstract

This article proposes an interdisciplinary dialogue between theology and psychoanalysis, focusing on the hermeneutics of suffering and subjectivity. Drawing on the contributions of Paul Ricoeur, Jacques Lacan, Jürgen Moltmann, Carlos Domínguez Morano, and Xavier Melloni, we explore how suffering can be reinterpreted through symbolic language, clinical listening, and eschatological narrative. Psalm 22 is taken as a theopoetic paradigm of this passage, revealing how lament can be transformed into hope. The article emphasizes the practical implications of this dialogue for mental health, spirituality, and pastoral care, proposing an integrative approach that embraces pain and reintegrates it into a meaningful horizon. The methodology is hermeneutic, based on interdisciplinary theoretical-textual analysis.

Palavras-chave

Teologia prática.
Psicanálise.
Salmo 22.
Hermenêutica.
Perdão.

Keywords

Practical theology.
Psychoanalysis.
Psalm 22.
Hermeneutic.
Forgiveness.



Introdução

Este artigo propõe uma abordagem interdisciplinar entre a teologia e a psicanálise com o objetivo de compreender, de modo aprofundado, a constituição da subjetividade humana e sua relação com o sofrimento. A hipótese central é que a linguagem simbólica, tal como trabalhada na hermenêutica de Paul Ricoeur, e a estrutura do imaginário e do desejo em Jacques Lacan, oferecem instrumentos analíticos que, se lidos em chave teológica, podem colaborar para uma reconfiguração da dor e da vulnerabilidade humana. O método adotado é hermenêutico, com base em análise textual e comparativa, tomando como corpus principal o Salmo 22 e sua leitura pastoral, clínica e simbólica. O artigo está dividido em três partes: a primeira estabelece um diálogo entre teologia e psicanálise; a segunda realiza a articulação entre desamparo, narrativa e hermenêutica do sofrimento; e a terceira apresenta as contribuições para a prática pastoral e a saúde mental. Espera-se demonstrar que a integração desses saberes pode oferecer novas formas de compreensão e cuidado ao sofrimento humano na contemporaneidade.

Diálogo Interdisciplinar: Teologia e Psicanálise

O diálogo entre teologia e psicanálise é um campo fecundo para a escuta da condição humana em sua profundidade. A psicanálise, ao explorar os processos inconscientes, o desejo e a linguagem, lança luz sobre as dinâmicas subjetivas da dor. Por sua vez, teologia oferece categorias escatológicas e simbólicas que ampliam os sentidos do sofrimento e da esperança. A articulação entre esses campos não busca fusão, mas interlocução hermenêutica.

A imaginação poética, tal como desenvolvida por Paul Ricoeur, projeta uma escatologia simbólica que não nega o desespero humano, mas o reinscreve em horizontes de sentido e transformação, à luz do querigma cristão. Em contrapartida, Lacan revela como a alienação subjetiva e o desamparo se constituem por meio de identificações simbólicas e imaginárias, tensionando a experiência do desejo. A partir dessa oposição, delineia-se uma hermenêutica do sofrimento capaz de integrar a criatividade simbólica e a

estrutura psíquica, oferecendo vias interpretativas para além do diagnóstico clínico ou da resposta religiosa imediata.

A teologia da cruz, proposta por Jürgen Moltmann, ao afirmar que “Deus sofre conosco”, inscreve o sofrimento humano em uma gramática de solidariedade escatológica. Essa afirmação encontra eco nas formulações freudianas sobre o desamparo primário (*Hilflosigkeit*), instaurando uma interlocução possível entre o lamento teológico e a angústia inaugural do sujeito. Em ambos os casos, o sofrimento não é negado nem solucionado, mas transformado em matéria hermenêutica para pensar a travessia da dor em direção à reconciliação.

A integração entre teologia e psicanálise vai além da superação de barreiras epistemológicas: trata-se de construir uma escuta sensível à densidade simbólica do sofrimento. A conjunção entre a metáfora criativa de Ricoeur e a crítica lacaniana ao imaginário especulativo permite reconfigurar noções como perdão, angústia e esperança em moldes que dialogam com a complexidade do sujeito contemporâneo.

O Salmo 22 torna-se emblemático ao encenar uma travessia que parte do abandono (“Meu Deus, por que me abandonaste?”) e culmina em louvor e esperança. Tal percurso narrativo, como observa Moltmann (2004), não escapa ao sofrimento, mas o assume como lugar teológico de redenção: Deus não está fora da dor, mas a atravessa conosco. O sofrimento torna-se, assim, em um espaço litúrgico e terapêutico de escuta, reconfiguração e promessa.

Ricoeur sustenta que os textos bíblicos, ao incorporarem o lamento em estruturas narrativas abertas à promessa, operam como dispositivos de reconfiguração simbólica do real. O sofrimento, nesse contexto, deixa de ser um mero dado patológico e passa a constituir-se como um ato interpretativo: uma cena hermenêutica que possibilita novas leituras de si e do mundo. Em termos pastorais e clínicos, esse movimento não oferece a solução da dor, mas uma travessia possível pela palavra.

Psicanálise e Teologia do Desamparo: entre narrativa e hermenêutica

A teologia bíblica oferece um acervo simbólico e narrativo capaz de dialogar com a psicanálise na elaboração de uma hermenêutica do sofrimento. Ao integrar dimensões psíquicas e espirituais, textos como o Salmo 22, o livro de Jó e a narrativa da cruz fornecem matrizes interpretativas que não apenas descrevem a dor, mas também a reinscrevem em horizontes de sentido escatológico. Essa articulação entre teologia e psicanálise visa não à fusão conceitual, mas à criação de um espaço comum de escuta e elaboração do sofrimento.

Lido pela lente hermenêutica de Paul Ricoeur, o Salmo 22 revela-se como uma narrativa de travessia entre o desamparo e a esperança. O grito “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Sl 22,1) expressa uma ruptura radical, ressoando com o conceito freudiano de *Hilflosigkeit* – o desamparo originário que inaugura a subjetividade. No entanto, o movimento do salmo não se fecha na dor: ele evolui para uma celebração comunitária, indicando uma potência de reconfiguração simbólica onde sofrimento e redenção coexistem.

Essa estrutura narrativa torna-se exemplar para investigar a dialética entre desamparo e esperança. Segundo Moltmann (2004), “a cruz de Cristo torna o lamento uma linguagem legítima da fé”, pois nela Deus se solidariza com a condição humana. Essa leitura não espiritualiza a dor, mas a transforma em uma gramática do cuidado – uma linguagem possível para práticas pastorais e clínicas que acolhem a fragilidade sem reduzir sua densidade existencial.

O livro de Jó aprofunda esse horizonte ao dramatizar a tensão entre sofrimento e sentido. A pergunta dirigida a Deus – “Por que me persegues como a um inimigo?” (Jó 13,24) – evidencia um lamento que desafia qualquer teodiceia simplista. Para Ricoeur (1995), a figura de Jó encarna a reescrita de narrativas pessoais diante do absurdo, uma perspectiva que converge com o trabalho analítico de ressignificação do trauma e da culpa.

A figura de Jó se apresenta como paradigma de um lamento que não conduz ao niilismo, mas à abertura ao inefável. Seu confronto com o silêncio

de Deus não resulta em resignação, mas em uma elaboração existencial que rompe com explicações teológicas simplistas. Nessa chave, Jó representa um sujeito que, ao reescrever sua dor, refaz também sua subjetividade – um movimento análogo ao trabalho analítico de nomeação e simbolização do trauma.

O clamor de Jesus na cruz – “Eloí, Eloí, lama sabactani?” (Mc 15,34) – inaugura, teologicamente, uma identificação radical entre Deus e o sofrimento humano. Para Moltmann (2004), este é o momento em que Deus não apenas observa, mas participa do abandono humano. Do ponto de vista psicanalítico, este grito opera como significante de ruptura e reinício, pois transforma a ausência em palavra e o silêncio em narrativa. Assim, abre-se espaço para uma reconciliação que não elimina a dor, mas a atravessa com linguagem.

Esse dinamismo entre cruz e lamento fornece subsídios para práticas pastorais e psicanalíticas que auxiliam o sujeito a reinscrever suas perdas dentro de narrativas de sentido. Longe de oferecer consolo superficial, tais práticas operam como mediadoras simbólicas que acolhem o luto e o integram a processos de elaboração psíquica e espiritual.

O sofrimento nunca é apenas pessoal: ele se inscreve em comunidades, liturgias e memórias coletivas. O Salmo 22 e Isaías 61, ao falarem do “quebrantado de coração” e da conversão das nações, revelam que o lamento é sempre dirigido – a Deus, à comunidade, ao mundo. Essa dimensão relacional da dor é fundamental para uma hermenêutica pastoral que reconhece a cura não como isolamento, mas como reencontro com o outro.

A transição do lamento individual ao louvor coletivo, como expressa o Salmo 22, ilustra a potência litúrgica da esperança: o sofrimento não é apenas suportado, mas compartilhado e, por isso, transformado. A reconciliação, nesse sentido, não é apenas subjetiva, mas relacional e histórica.

Ricoeur (1977) observa que a metáfora bíblica não apenas enriquece a linguagem, mas também redesenha a realidade. No caso dos salmos e da literatura profética, a metáfora articula dor e esperança em um mesmo arco narrativo, oferecendo ao sujeito a possibilidade de significar seu sofrimento

sem negá-lo. Essa operação simbólica é análoga à interpretação analítica: ambas permitem que a dor fale e que o falado se transforme em caminho.

Contribuições à saúde mental e à prática pastoral

A poética bíblica atua em três registros interligados: no plano linguístico, ressignifica o sofrimento por meio da metáfora; no plano existencial, permite ao sujeito reconfigurar sua dor à luz de narrativas simbólicas; e no plano escatológico, projeta um futuro reconciliado, no qual a ferida não é apagada, mas integrada a uma visão de plenitude.

Incorporar essas dinâmicas ao diálogo entre teologia e psicanálise amplia sua relevância prática. As ferramentas hermenêuticas aqui discutidas não apenas interpretam o sofrimento, mas o acolhem como matéria de cuidado, oferecendo às práticas pastorais e clínicas um horizonte simbólico no qual o sujeito pode reescrever sua dor com dignidade.

A relação entre teologia e psicanálise foi, historicamente, marcada por tensões e desconfianças mútuas. Contudo, à luz de desafios contemporâneos, como a fragmentação do sentido, o narcisismo e o luto coletivo, esse diálogo revela-se cada vez mais fecundo. A psicanálise oferece um aparato crítico para pensar os impasses da subjetividade, enquanto a teologia aponta para um horizonte transcendente, capaz de ressignificar o sofrimento e a culpa em termos de reconciliação.

Jean-Luc Marion e Pierre Thévenaz sugerem uma teologia do “Deus sem absoluto”, em que o divino se manifesta não na imposição, mas na retirada – na kenosis. Essa ausência torna-se um espaço de liberdade, no qual o sujeito, ao confrontar o vazio, pode experienciar a possibilidade de sentido. Essa visão ressoa com a escuta psicanalítica: ambas acolhem o não-sabido como ponto de partida para a reinvenção subjetiva.

Freud identificou o desamparo (*Hilflosigkeit*) como a condição inaugural do humano, anterior a qualquer estrutura de linguagem ou cultura. Essa visão encontra ressonância na teologia de Moltmann, para quem Deus não está acima do sofrimento, mas se compromete com ele. Paul Ricoeur, ao destacar a função criativa da linguagem, integra essa perspectiva: o sofrimento

narrado não apenas descreve uma dor passada, mas redesenha o presente e projeta novas possibilidades de futuro.

O conceito lacaniano do "estádio do espelho" revela como o Eu se constitui por meio de identificações fragmentadas e alienantes. Quando lido teologicamente, esse processo pode ser interpretado como narrativa de afastamento e reconciliação com o próprio ser – especialmente à luz da experiência do perdão. O perdão, nesse contexto, não é apenas um ato ético, mas uma operação simbólica que reinscreve a identidade no horizonte da graça e da reconciliação com a própria falta.

A urgência do diálogo entre teologia e psicanálise é ampliada pela crise contemporânea da corporeidade. Michel Foucault e Joel Birman mostram como o corpo tornou-se um campo de disputa simbólica – ora reprimido, ora idealizado. O sofrimento psíquico, muitas vezes somatizado, exige abordagens que integrem a escuta do corpo, da alma e da palavra. Nesse cenário, espiritualidade e análise se encontram como modos de cuidado do ser encarnado e vulnerável.

A lamentação, tal como expressa no Salmo 22, revela-se ato performativo e teopoético: não apenas denuncia o sofrimento, mas convoca a promessa. Moltmann (2004) afirma que a cruz não elimina a dor, mas a transfigura em esperança – esperança que nasce da identificação divina com o grito humano e que se realiza como força escatológica na travessia do desespero.

Ricoeur amplia essa leitura ao enfatizar a imaginação poética como chave hermenêutica da Escritura. A metáfora do abandono torna-se, sob sua ótica, símbolo de abertura ao transcendente. A Sagrada Escritura, nesse sentido, não apenas interpreta o sofrimento: transforma-o em matéria narrativa, possibilitando ao sujeito reescrever sua própria história à luz da promessa.

Carlos Domínguez Morano (2002), ao explorar o vínculo entre espiritualidade e inconsciente, propõe que esses domínios não se opõem, mas se completam na busca por sentido. O inconsciente, longe de ser instância puramente pulsional, torna-se espaço de transcendência. A religião oferece

categorias simbólicas – perdão, graça, esperança – que a psicanálise sozinha não produz (Dominguez Morano, 2002).

Domínguez Morano aprofunda o papel do perdão teológico como uma operação que não apenas redime a culpa, mas reintegra o desejo, reconfigurando o sujeito em sua fragmentação. Para ele, “o perdão teológico é um processo que ressignifica tanto a culpa quanto o desejo, permitindo que o sujeito integre suas fragmentações” (Domínguez Morano, 2002). Esse gesto de reconciliação interna encontra eco na lógica da lamentação bíblica, especialmente no Salmo 22, em que angústia e confiança coexistem numa travessia simbólica de restauração psíquica e espiritual.

Xavier Melloni, ao abordar a interioridade mística, amplia esse horizonte integrativo. Segundo ele, “o sofrimento, quando integrado, torna-se um lugar de encontro com o divino, pois nos coloca diante de nossa vulnerabilidade essencial” (Melloni, 2016). Tal como o grito de Jesus na cruz, a mística propõe uma escuta radical da ausência e da finitude. Para Melloni, a reconciliação com Deus passa pelo reencontro com o Eu fragmentado – processo que a mística e a clínica podem igualmente favorecer.

Ao afirmar que “a mística é, em última instância, uma hermenêutica do humano em direção ao transcendente”, Melloni aproxima-se da psicanálise como travessia. A leitura do Salmo 22 e da cruz, sob essa ótica, permite ver o sofrimento não como fim, mas como passagem: do isolamento à comunhão, da ferida ao vínculo.

Já Oskar Pfister, pioneiro no diálogo entre psicanálise e teologia, argumentava que o cuidado espiritual poderia ser enriquecido com as ferramentas da escuta analítica. Em sua visão, a fé não se opõe à psicanálise, mas a complementa quando compreendida como espaço de reconstrução do Eu ferido. O pastor, como figura de escuta, torna-se mediador simbólico entre dor e sentido.

Complementando esse enfoque, Donald Winnicott introduz a noção de “ambiente suficientemente bom” – conceito que pode ser aplicado à prática pastoral. A comunidade de fé, ao oferecer um espaço seguro, de acolhimento simbólico, permite que o sujeito em sofrimento reconstrua narrativas de si

mesmo. O cuidado pastoral torna-se, então, função transicional: lugar em que o desamparo é sustentado e transformado em possibilidade.

Considerações finais

Este artigo propôs um caminho interdisciplinar entre teologia e psicanálise para compreender a constituição da subjetividade ferida e suas expressões de sofrimento. A partir do diálogo entre autores como Paul Ricoeur, Jacques Lacan, Jürgen Moltmann, Domínguez Morano e Xavier Melloni, articulamos uma hermenêutica do sofrimento que integra linguagem simbólica, escuta clínica e esperança escatológica.

O Salmo 22 foi assumido como eixo estruturante dessa travessia, revelando a potência do lamento como gesto teopoético que transforma o grito em promessa. A metáfora do abandono torna-se, nesse contexto, lugar de reconciliação entre a finitude humana e a alteridade divina, iluminando práticas pastorais que não apenas acolhem a dor, mas a transformam em narrativa significativa.

Ao aproximar os conceitos de desamparo, perdão, desejo e esperança, mostramos como a subjetividade pode ser ressignificada por meio da palavra – bíblica ou analítica – que escuta e reconstrói. O sofrimento, longe de ser apagado, é integrado a um horizonte de sentido, no qual a fragilidade se torna ponto de encontro entre o humano e o transcendente.

Essa proposta não apenas amplia o escopo da teologia prática e da clínica psicanalítica, mas também oferece subsídios para a formação de agentes pastorais e terapeutas atentos à complexidade da condição humana. Em tempos de precariedade emocional e espiritual, pensar o sofrimento como cena de reconciliação é um gesto de resistência, criatividade e fé.

Referências

- BIRMAN, Joel. *O sujeito na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- BRUEGGEMANN, Walter. *The Message of the Psalms: A Theological Commentary*. Minneapolis: Fortress Press, 1995.

- DOMÍNGUEZ MORANO, Carlos. *Psicoanálisis y experiencia religiosa*. Madrid: Sal Terrae, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. São Paulo: Ática, 2002.
- FREUD, Sigmund. *Inibição, sintoma e angústia*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- KRISTEVA, Julia. *Poderes do horror: ensaio sobre a abjeção*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- MARION, Jean-Luc. *Deus sem o ser*. São Paulo: Loyola, 2004.
- MELLONI, Xavier. *El deseo esencial: en el umbral de la interioridad*. Santander: Sal Terrae, 2016.
- MOLTMANN, Jürgen. *O Deus crucificado*. São Paulo: Paulus, 2001.
- MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da esperança*. São Paulo: Loyola, 2004.
- PFISTER, Oskar. *The Psychoanalytic Method*. London: Routledge, 1922.
- RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2005.
- RICOEUR, Paul. *Figuras do sagrado: narrativas, imaginação e fé*. São Paulo: Loyola, 2007.
- RICOEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil, 2000.
- THÉVENAZ, Pierre. *La condition de la raison philosophique*. Neuchâtel: La Baconnière, 1960.
- WINNICOTT, Donald W. *A natureza humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

Trabalho submetido em 18/12/2024.
Aceito em 27/06/2025.

Rene Armand Dentz Júnior

Doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE. Pós-Doutorando Teologia PUC-Rio. Pós-Doutorando em Teologia Freiburg Universität/Suíça. Professor universitário e Psicanalista. Membro da Ricoeur Society (EUA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4842-0827>. E-mail: dentz@hotmail.com